



PROVA ESCRITA DE PORTUGUÊS PRIMEIRA PARTE - LEGISLAÇÃO

1ª QUESTÃO

A Lei nº 8.112/1990 dispõe sobre o regime jurídico dos servidores públicos civis da União, das autarquias e das fundações públicas federais. No que se refere ao processo administrativo disciplinar, é correto afirmar que

- (A) a autoridade que tiver ciência de irregularidade no serviço público é obrigada a promover a instauração imediata do processo administrativo disciplinar, assegurada ao acusado ampla defesa.
- (B) como medida cautelar, a autoridade instauradora do processo disciplinar poderá determinar ao servidor seu afastamento do exercício do cargo, pelo prazo de até 30 (trinta) dias, sem o pagamento de remuneração.
- (C) é assegurado ao servidor o direito de acompanhar o processo pessoalmente ou por intermédio de procurador, arrolar e reinquirir testemunhas, produzir provas e contraprovas e formular quesitos, quando se tratar de prova pericial.
- (D) no prazo de 30 (trinta) dias, prorrogável por igual período, contados da instauração do processo, a autoridade julgadora proferirá a sua decisão motivada, tendo por base as provas juntadas aos autos, observados os princípios do contraditório e da ampla defesa.

2ª QUESTÃO

Nos termos da Lei nº 9.394/1996, “*A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais*”. No que se refere ao ensino médio, etapa final da educação básica, é **INCORRETO** afirmar que

- (A) a carga horária destinada ao cumprimento da Base Nacional Comum Curricular não poderá ser superior a oitocentas horas do total da carga horária do ensino médio, de acordo com a definição do Conselho Nacional de Educação.
- (B) os currículos deverão considerar a formação integral do aluno, e nesse sentido deverão adotar um trabalho voltado para a construção de seu projeto de vida e para sua formação nos aspectos físicos, cognitivos e socioemocionais.
- (C) a Base Nacional Comum Curricular definirá direitos e objetivos de aprendizagem, conforme diretrizes do Conselho Nacional de Educação, e incluirá, obrigatoriamente, estudos e práticas de educação física, artes, sociologia e filosofia.
- (D) o currículo será composto pela Base Nacional Comum Curricular e por itinerários formativos, que deverão ser organizados de modo a ofertar diferentes arranjos curriculares, observada a relevância para o contexto local.



3ª QUESTÃO

De acordo com o disposto na Lei nº 12.772/2012, a progressão na Carreira de Magistério do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico ocorrerá com base nos critérios gerais estabelecidos nesta Lei e observará, cumulativamente,

- (A) o cumprimento do interstício de 12 (doze) meses de efetivo exercício em cada nível e aprovação em processo de avaliação de estágio probatório.
- (B) o cumprimento do interstício de 24 (vinte e quatro) meses de efetivo exercício em cada nível e aprovação em avaliação de desempenho individual.
- (C) a exigência do título de doutor e o cumprimento do interstício de 12 (doze) meses de efetivo exercício em cada nível.
- (D) a aprovação em processo de avaliação de estágio probatório e titulação de mestrado e doutorado.

4ª QUESTÃO

A Lei nº 8.069/1990 dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e dá outras providências. No que se refere aos dispositivos desta Lei, analise as assertivas:

- (I) Considera-se criança a pessoa até doze anos de idade incompletos, e adolescente aquela entre doze e dezoito anos de idade.
- (II) O Conselho Tutelar é órgão permanente e autônomo, de natureza jurisdicional, encarregado pela sociedade de zelar pelo cumprimento dos direitos da criança e do adolescente.
- (III) Excepcionalmente, nos casos expressos em lei, aplica-se o Estatuto da Criança e do Adolescente às pessoas entre dezoito e vinte e um anos de idade.
- (IV) Os profissionais que atuam no cuidado diário de crianças na primeira infância receberão formação específica para a detecção de sinais de risco para o desenvolvimento psíquico.

Estão corretas

- (A) I, II e III.
- (B) I, II e IV.
- (C) I, III e IV.
- (D) II, III e IV.

5ª QUESTÃO

De acordo com a Constituição Federal de 1988, sem prejuízo de outras garantias, o dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de

- (A) progressiva universalização do ensino médio e pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas, com exclusividade para as instituições públicas de ensino.
- (B) Educação Infantil, em creche e pré-escola, às crianças até 5 (cinco) anos de idade e oferta de ensino noturno regular, adequado às condições do educando.
- (C) Educação Básica obrigatória e gratuita dos 5 (cinco) aos 17 (dezessete) anos de idade e gestão democrática do ensino público.
- (D) gratuidade do ensino em estabelecimentos públicos e privados e progressiva universalização do ensino médio.



PROVA ESCRITA DE PORTUGUÊS
SEGUNDA PARTE – QUESTÕES OBJETIVAS

TEXTO I

O aluno perfeito

Ele se chamava Memorioso, pois seus pais julgavam que a memória perfeita é essencial para uma boa educação

1 Era uma vez um jovem casal que estava muito feliz. Ela estava grávida, e eles esperavam com grande ansiedade o filho que iria nascer.

Transcorridos os nove meses de gravidez, ele nasceu. Ela deu à luz um lindo computador! Que felicidade ter um computador como filho! Era o filho que desejavam ter!
5 Por isso eles haviam rezado muito durante toda a gravidez, chegando mesmo a fazer promessas.

O batizado foi uma festança. Deram-lhe o nome de Memorioso, porque julgavam que uma memória perfeita é o essencial para uma boa educação. Educação é memorização. Crianças com memória perfeita vão bem na escola e não têm problemas para passar no
10 vestibular.

E foi isso mesmo que aconteceu. Memorioso memorizava tudo que os professores ensinavam. Mas tudo mesmo. E não reclamava. Seus companheiros reclamavam, diziam que aquelas coisas que lhes eram ensinadas não faziam sentido. Suas inteligências recusavam-se a aprender. Tiravam notas ruins. Ficavam de recuperação.

15 Isso não acontecia com Memorioso. Ele memorizava com a mesma facilidade a maneira de extrair raiz quadrada, reações químicas, fórmulas de física, acidentes geográficos, populações de países longínquos, datas de eventos históricos, nomes de reis, imperadores, revolucionários, santos, escritores, descobridores, cientistas, palavras novas, regras de gramática, livros inteiros, línguas estrangeiras. Sabia de cor todas as informações sobre o
20 mundo cultural.

A memória de Memorioso era igual à do personagem do Jorge Luis Borges de nome Funes. Só tirava dez, o que era motivo de grande orgulho para os seus pais. E os outros casais, pais e mães dos colegas de Memorioso, morriam de inveja. Quando filhos chegavam em casa trazendo boletins com notas em vermelho eles gritavam: "por que você não é como
25 o Memorioso?"

Memorioso foi o primeiro no vestibular. O cursinho que ele frequentara publicou sua fotografia em *outdoors*. Apareceu na televisão como exemplo a ser seguido por todos os jovens. Na universidade, foi a mesma coisa. Só tirava dez. Chegou, finalmente, o dia tão esperado: a formatura. Memorioso foi o grande herói, elogiado pelos professores. Ganhou
30 medalhas e mesmo uma bolsa para doutoramento no MIT.

Depois da cerimônia acadêmica foi a festa. E estavam todos felizes no jantar quando uma moça se aproximou de Memorioso e se apresentou: "Sou repórter. Posso lhe fazer uma pergunta?" "Pode fazer", disse Memorioso confiante. Sua memória continha todas as respostas.

35 Aí ela falou: "De tudo o que você memorizou qual foi aquilo que você mais amou? Que mais prazer lhe deu?"

Memorioso ficou mudo. Os circuitos de sua memória funcionavam com a velocidade da luz procurando a resposta. Mas aquilo não lhe fora ensinado. Seu rosto ficou vermelho. Começou a suar. Sua temperatura subiu. E, de repente, seus olhos ficaram muito abertos,
40 parados, e se ouviu um chiado estranho dentro de sua cabeça, enquanto fumaça saía por suas orelhas. Memorioso primeiro travou. Deixou de responder a estímulos. Depois apagou,



entrou em coma. Levado às pressas para o hospital de computadores, verificaram que seu disco rígido estava irreparavelmente danificado.

Há perguntas para as quais a memória não tem respostas. É que tais respostas não se encontram na memória. Encontram-se no coração, onde mora a emoção...

ALVES, Rubem. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br>. Acesso em: 3 jul. 2018.

6ª QUESTÃO

“Por que as línguas têm essa categoria? Porque há duas formas básicas de discurso: os predominantemente concretos e os preponderantemente abstratos. Os primeiros são chamados figurativos, e os segundos, temáticos. Aqueles são construídos com *figuras*, ou seja, termos concretos; estes, com *temas*, isto é, palavras abstratas.” (FIORIN, José Luiz; PLATÃO, Francisco. **Lições de texto**: leitura e redação. São Paulo: Ática, 1997, p. 89.)

O texto de Rubem Alves “O aluno perfeito” é concebido com base na articulação entre dois planos de significação: o plano figurativo da efabulação e o plano temático, que se encontra subjacente à narrativa.

Assinale a alternativa cujo trecho realça o viés temático da narrativa.

- (A) “Transcorridos os nove meses de gravidez, ele nasceu. Ela deu à luz um lindo computador! Que felicidade ter um computador como filho!” (linhas 3-4)
- (B) “A memória de Memoriososo era igual à do personagem do Jorge Luis Borges de nome Funes. Só tirava dez, o que era motivo de grande orgulho para os seus pais.” (linhas 21-22)
- (C) O cursinho que ele frequentara publicou sua fotografia em *outdoors*. Apareceu na televisão como exemplo a ser seguido por todos os jovens.” (linhas 26-28)
- (D) “Há perguntas para as quais a memória não tem respostas. É que tais respostas não se encontram na memória. Encontram-se no coração, onde mora a emoção...” (linhas 44-45)

7ª QUESTÃO

“Tanto quanto as demais espécies de conectivos, as preposições contribuem de forma mais ou menos relevante para o significado das construções de que participam. Essa maior ou menor relevância está relacionada a graus de liberdade do enunciador na seleção da preposição.” (AZEREDO, José Carlos de. **Gramática Houaiss da língua portuguesa**. 3. ed. São Paulo: Publifolha, 2010, p. 196.)

Nas frases a seguir, extraídas do texto de Rubem Alves, as preposições compõem estruturas sintáticas diversas, estabelecendo diferentes relações de sentido:

- I – “Transcorridos os nove meses de gravidez, ele nasceu.” (linha 3)
- II – “Sabia de cor todas as informações sobre o mundo cultural.” (linhas 19-20)
- III – “E os outros casais, pais e mães dos colegas de Memoriososo, morriam de inveja.” (linhas 22-23)
- IV – “Levado às pressas para o hospital de computadores [...]” (linha 42)



Assinale a afirmativa correta acerca dos termos introduzidos pela preposição DE.

- (A) As expressões I, II e III são adjuntos adverbiais cujas circunstâncias são, respectivamente, tempo, modo e causa, e a expressão IV é adjunto adnominal com valor semântico de especificação.
- (B) As expressões II e III são adjuntos adverbiais com sentidos, respectivamente, de modo e causa, e a expressão I e IV são adjuntos adnominais, sendo a última com valor semântico de especificação.
- (C) A expressão I é adjunto adnominal com valor semântico de tempo, as expressões II e III são, respectivamente, adjuntos adverbiais de modo e causa, e a expressão IV é adjunto adnominal com sentido de posse.
- (D) As expressões I, II e III são adjuntos adverbiais cujas circunstâncias expressas são, respectivamente, de tempo, modo e causa, e a expressão IV é adjunto adnominal com valor semântico de posse.

8ª QUESTÃO

“O profissional de Letras enquanto *aprende a aprender* sobre os fatos da língua não deve limitar-se a preencher suas lacunas de conhecimento do padrão culto da gramática tradicional escolar (nem se esquecer de preenchê-las).” (BARBOSA, Afrânio Gonçalves. “Saberes gramaticais na escola”. In: BRANDÃO, Silvia Figueiredo; VIEIRA, Silvia Rodrigues (Org.). **Ensino de gramática**. Rio de Janeiro: Contexto, 2011).

Levando-se em consideração a morfossintaxe da gramática tradicional, algumas palavras podem apresentar uma variedade de classificações. Observe as classificações dadas ao vocábulo **que** nos trechos do Texto I a seguir:

- I - "Era uma vez um jovem casal que estava muito feliz" (linha 1) – *pronome relativo*
- II - "Que felicidade ter um computador como filho!" (linha 4) – *advérbio de intensidade*
- III - "[...] julgavam que uma memória perfeita é o essencial para uma boa educação" (linhas 7-8) – *conjunção integrante*
- IV – "De tudo o que você memorizou qual foi aquilo que você mais amou?" (linha 35) – *pronome interrogativo*
- V - "É que tais respostas não se encontram na memória" (linhas 44-45) – *partícula de realce*

Estão corretas

- (A) I, II e IV.
- (B) I, II e V.
- (C) I, III e IV.
- (D) I, III e V.



TEXTO II

Vidas secas

1 Ouvia o falatório desconexo do bêbado, caiu numa indecisão dolorosa. Ele também dizia palavras sem sentido. Conversava à toa. Mas irou-se com a comparação, deu marradas na parede. Era bruto, sim senhor, nunca havia aprendido, não sabia explicar-se. Estava preso por isso? Como era? Então mete-se um homem na cadeia porque ele não sabe falar direito?

5 Que mal fazia a brutalidade dele? Vivia trabalhando como um escravo. Desentupia o bebedouro, consertava cercas, curava animais – aproveitara um casco de fazenda sem valor. Tudo em ordem, podiam ver. Tinha culpa de ser bruto? Quem tinha culpa?

Se não fosse aquilo... Nem sabia. O fio da ideia cresceu, engrossou – e partiu-se. Difícil pensar. Vivia tão agarrado aos bichos... Nunca vira uma escola. Por isso não conseguia defender-se, botar as coisas nos seus lugares. O demônio daquela história entrava-lhe na cabeça e saía. Era para um cristão endoidecer. Se lhe tivessem dado ensino, encontraria meio de entendê-la. Impossível, só sabia lidar com bichos.

10 Enfim, contanto... Seu Tomás daria informações. Fossem perguntar a ele. Homem bom, seu Tomás da bolandeira, homem aprendido. Cada qual como Deus o fez. Ele, Fabiano, era
15 aquilo mesmo, um bruto.

RAMOS, Graciliano. **Vidas secas**. São Paulo: Martins, 1969, p. 78-79 (Fragmento).

TEXTO III

Infância

1 A notícia veio de supetão: iam meter-me na escola. Já haviam falado nisso, em horas de zanga, mas nunca me convencera de que realizassem a ameaça. A escola, segundo informações dignas de crédito, era um lugar para onde enviavam as crianças rebeldes. Eu me comportava direito: encolhido e morno, deslizava como sombra. As minhas brincadeiras eram silenciosas. E nem me afoitava a incomodar as pessoas grandes com perguntas. Em consequência, possuía ideias absurdas apanhadas em ditos ouvidos na cozinha, na loja, perto dos tabuleiros de gamão. A escola era horrível – e eu não podia negá-la, como negara o inferno. Considerei a resolução de meus pais uma injustiça. Procurei na consciência, desesperado, ato que determinasse a prisão, o exílio entre paredes escuras. Certamente
10 haveria uma tábua para desconjuntar-me os dedos, um homem furioso a bradar-me noções esquivas. Lembrei-me do professor público, austero e cabeludo, arrepiei-me calculando o vigor daqueles braços. Não me defendi, não mostrei as razões que me fervilhavam na cabeça, a mágoa que me inchava o coração. Inútil qualquer resistência.

RAMOS, Graciliano. **Infância**. São Paulo: Martins, 1969, p. 127-128 (Fragmento).



9ª QUESTÃO

Vidas secas apresenta uma voz narrativa em terceira pessoa que, no entanto, consegue matizar-se pelo uso estratégico de recursos ligados à polifonia.

Considerando a leitura do Texto II, percebe-se essa elaboração multiperspectivada e polifônica da voz narrativa no(a)

- (A) apresentação de explicações díspares sobre a condição de Fabiano, fazendo ecoar na narrativa tanto a voz do senso comum, que aponta para a inevitabilidade dessa condição, quanto a da reflexão crítica, que identifica suas causas na má distribuição de oportunidades.
- (B) uso de perguntas retóricas, que revelam ao leitor os pensamentos raivosos e surpreendentemente críticos do protagonista Fabiano, o que distingue *Vidas secas* de narrativas tradicionais, em que o narrador se mantém distante da subjetividade dos personagens.
- (C) desenvolvimento do discurso indireto livre, que torna possível ao leitor atento a percepção das diferenças entre a opinião do narrador, intelectualizado e colocado em posição de privilégio quanto à observação dos fatos, e do personagem, fruto da brutalidade do meio.
- (D) referência à fala de outros personagens, como a do bêbado preso na cela ao lado de Fabiano, comparando-as e criando um efeito polifônico capaz de relativizar os conceitos apresentados e de dar aos leitores múltiplas interpretações dos fatos relatados.

10ª QUESTÃO

No Texto III, o jogo dos tempos verbais articula-se para a construção de sentidos da narrativa e para a compreensão, pelo leitor, da relação entre as impressões e os fatos relatados.

A respeito desse jogo dos tempos verbais na narrativa, pode-se afirmar que

- (A) o pretérito imperfeito do indicativo é usado como forma para retomar eventos já narrados no texto, rememorados no fragmento em questão.
- (B) o futuro do pretérito do indicativo apresenta a visão fantasiosa e imaginativa do narrador acerca do que desconhece.
- (C) o pretérito perfeito do indicativo refere-se a ações passadas periféricas ao relato central apresentado pelo narrador.
- (D) o pretérito mais-que-perfeito do indicativo, em suas formas simples e composta, rememora ações rotineiras.

TEXTO IV

A educação pela pedra

Uma educação pela pedra: por lições;
para aprender da pedra, frequentá-la;
captar sua voz inenfática, impessoal
(pela de dicção ela começa as aulas).
A lição de moral, sua resistência fria
ao que flui e a fluir, a ser maleada;
a de poética, sua carnadura concreta;
a de economia, seu adensar-se compacta:
lições da pedra (de fora para dentro,
cartilha muda), para quem soletrá-la.



*

Outra educação pela pedra: no Sertão
(de dentro para fora, e pré-didática).
No Sertão a pedra não sabe lecionar,
e se lecionasse, não ensinaria nada;
lá não se aprende a pedra: lá a pedra,
uma pedra de nascença, entranha a alma.

MELLO NETO, João Cabral de. **Poesias completas**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979, p. 11.

11ª QUESTÃO

“O Sertão não é unicamente um lugar; é um estilo. Captá-lo, traduzir-se nele, é estar atento a suas incontáveis configurações, sobretudo as discursivas.”
(SECCHIN, Antônio Carlos. In: AZEREDO, José Carlos de. **Ensino de português**: fundamentos, percursos, objetos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007, p. 180.)

Em João Cabral de Melo Neto, a simples pontuação é discurso, uma vez que reverbera certos efeitos de sentido elaborados pelo poeta. Nessa perspectiva, tal recurso linguístico

- (A) busca uma expressão mínima, condensada, adjetiva, ansiando o onirismo vigilante do eu lírico.
- (B) aponta um lirismo altamente musical, que tropeça e embala, que prefere o abstrato em vez do concreto.
- (C) produz uma leitura em permanente vigília, pedindo ao leitor que se detenha em cada verso, palavra e fonema.
- (D) almeja uma poética fluida, marcada pelas repetições de vocábulos, por paralelismos, aliterações e assonâncias.

12ª QUESTÃO

O poeta João Cabral de Melo Neto está inserido, segundo a crítica literária tradicional, na terceira geração modernista.

As principais características do projeto literário dessa geração são,

- (A) na prosa, somente o destaque da obra de Guimarães Rosa, com seu regionalismo de caráter universalista e a reinvenção de uma linguagem mitopoética.
- (B) na prosa, a notável narrativa de cunho regionalista que, em vez da realidade determinista, firmou-se em uma concepção que unia a psicologia e a crítica social.
- (C) na lírica, a ruptura com o projeto da geração antecessora, configurando um movimento demolidor, que buscava a liberdade no uso do material linguístico e poético.
- (D) na lírica, a consciência estética, o maior apuro do verso, com acentuada relevância à palavra e ao ritmo, o senso agudo de medida, a volta à rima e aos metros tradicionais.



TEXTO V

Capítulo 13: Um salto

- 1 Unamos agora os pés e demos um salto por cima da escola, a enfadonha escola, onde aprendi a ler, escrever, contar, dar cacholetas, apanhá-las, e ir fazer diabruras, ora nos morros, ora nas praias, onde quer que fosse propício a ociosos. Tinha amarguras esse tempo; tinha os ralhos, os castigos, as lições árduas e longas, e pouco mais, mui pouco e
- 5 mui leve. Só era pesada a palmatória, e ainda assim... Ó palmatória, terror dos meus dias pueris, tu que foste o *compelle intrare* com que um velho mestre, ossudo e calvo, me incutiu no cérebro o alfabeto, a prosódia, a sintaxe, e o mais que ele sabia, benta palmatória, tão praguejada dos modernos, quem me dera ter ficado sob o teu jugo, com a minha alma imberbe, as minhas ignorâncias, e o meu espadim, aquele espadim de 1814, tão superior à
- 10 espada de Napoleão! Que querias tu, afinal, meu velho mestre de primeiras letras? Lição de cor e compostura na aula; nada mais, nada menos do que quer a vida, que é a mestra das últimas letras; com a diferença que tu, se me metias medo, nunca me meteste zanga. Vejo-te ainda agora entrar na sala, com as tuas chinelas de couro branco, capote, lenço na mão, calva à mostra, barba rapada; vejo-te sentar, bufar, grunhir, absorver uma pitada inicial, e
- 15 chamar-nos depois à lição. E fizeste isto durante vinte e três anos, calado, obscuro, pontual, metido numa casinha da Rua do Piolho, sem enfadar o mundo com a tua mediocridade, até que um dia deste o grande mergulho nas trevas, e ninguém te chorou, salvo um preto velho, — ninguém, nem eu, que te devo os rudimentos da escrita.

ASSIS, Machado de. **Memórias póstumas de Brás Cubas**. Rio de Janeiro: Garnier, 1990, p. 44.

13ª QUESTÃO

Ainda que as histórias da literatura brasileira tradicionalmente insiram Machado de Assis no bojo do Realismo, parte da crítica contemporânea vê em sua narrativa traços *sui generis*, que extrapolam os limites daquele estilo de época.

O traço presente no Texto V que o afasta da proposta realista, segundo a qual a literatura deve apresentar-se ao leitor como uma representação o mais possível mimética da realidade, dissimulando o jogo literário, é a

- (A) crítica social.
- (B) misantropia filosófica.
- (C) autoconsciência narrativa.
- (D) problematização psicológica.

14ª QUESTÃO

Uma das marcas mais típicas da narrativa machadiana é a expressão de uma mundividência em que a desilusão com a vida, com a sociedade e com o ser humano são as tónicas.

O Texto V apresenta, sutilmente, a visão desiludida do narrador em relação à existência humana e à vida, por meio da

- (A) menção à espada de Napoleão.
- (B) descrição das vestimentas do mestre.
- (C) referência aos castigos impingidos aos alunos.
- (D) comparação entre a postura do professor e a vida.



TEXTO VI

Mayombe

- 1 Lutamos já passara uma vez em direção ao rio e regressara para a Base. Voltou a passar para o rio, observou um pouco o grupo e acabou por sentar-se ao lado de Mundo Novo.
– Vai para a escola!
– Oh! Tenho trabalho – disse Lutamos.
- 5 – Que tens a fazer?
– Lavar roupa...
Mundo Novo sorriu. Lutamos era habitual nas fugas à escola, especialmente quando o Comissário não estava presente. Já tinha sido castigado por não estudar, mas não se modificava.
- 10 – Tens que te convencer que precisas de estudar. Como serás útil depois da luta? Mal sabes ler... onde vais trabalhar?
– Fico no exército – disse Lutamos.
– E julga que para ficar no exército não tens de estudar? Como vais aprender artilharia ou tática militar ou blindados? Precisas de Matemática, de Física...
- 15 – Ora! Eu não quero ser oficial.
– E quem vai ser oficial, então? Esses que se formam no exército **tuga**¹, sem formação política, que um dia tentarão dar um golpe de Estado? É isso que queres? Que depois da independência haja golpes de Estado todos os anos, como nos outros países africanos? Precisamos de ter um exército bem politizado, com quadros saídos da luta de libertação.
- 20 Como vamos fazer, se os guerrilheiros não querem estudar para serem quadros?
Lutamos encolheu os ombros. Contemplou o grupo de jovens que cambalhotavam por terra, suando, o suor agarrado à lama do Mayombe, e o Comandante, de tronco nu, cambalhotando também, levantando-se para em seguida rolar pelo solo, misturando explicações a encorajamentos e gritos.
- 25 – Camarada Mundo Novo, há muitos que estudam. Não é um que não quer estudar que vai estragar tudo. Eu nasci na mata, gosto é de caçar, de andar de um lado para o outro, fazer a guerra. Mas não gosto nada de estudar. Já aguentei, aprendi a ler e a escrever. Sei mesmo fazer contas de multiplicar! Para mim já chega. O Comissário mobilizou-me, o ano passado estudei mesmo. Mas agora já chega, o Comissário já não consegue mobilizar-me mais. E o que disse é verdade, tem razão. Mas as milícias populares vão impedir os golpes de Estado, o povo em armas...
- 30

PEPETELA. **Mayombe**. São Paulo: Leya, 2013, p. 72-73 (fragmento).

¹ **tuga** – apelido para português; o mesmo que "portuga".

15ª QUESTÃO

No processo argumentativo desenvolvido no Texto VI, teses distintas entram em conflito.

Assinale a alternativa que apresenta as teses defendidas por Mundo Novo e Lutamos, respectivamente, sobre a manutenção das conquistas da Revolução, evitando-se futuros golpes de Estado.

- (A) A escola é fator de formação política dos revolucionários. / A guerra não precisa de escolarização para ser bem-sucedida.
- (B) Os revolucionários devem estudar para formarem os quadros do exército. / O povo armado manterá as conquistas da Revolução.
- (C) A falta de estudo impede o conhecimento verdadeiro sobre tudo, até sobre a guerra. / Pode-se ajudar, mesmo sendo guerreiro sem estudo.
- (D) Estudar assegura que os revolucionários atinjam seus objetivos. / Há várias maneiras de ajudar a Revolução, mesmo sem estudar.



16ª QUESTÃO

“Para Catherine Kerbrat-Orecchioni (1986), o receptor de um enunciado percorre um caminho que vai do conteúdo explícito ao implícito eventual. Conforme a autora, não existem marcas de implícito, mas sempre se pode estabelecer uma ancoragem textual explícita para ele.” (ARGELIM, Regina Célia. “Polifonia e implícito como recursos argumentativos em textos midiáticos”. In: PAULIUKONIS, Maria Aparecida; GAVAZZI, Sigrid (Org.). **Texto e discurso**: mídia, literatura e ensino. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003, p.16.)

Tendo por base a citação acima, pode-se afirmar em relação ao Texto VI que, no fragmento “Mas agora já chega, o Comissário já não consegue mobilizar-me mais. E o que disse é verdade, tem razão.” (linhas 29-30), o subentendido está pautado em uma ancoragem de natureza

- (A) contextual.
- (B) cotextual.
- (C) paratextual.
- (D) intertextual.

TEXTO VII

Quarto de despejo

- 1 21 de julho – ...Fui catar papel. Estava horrorizada com a cena que o Alexandre representou de madrugada. Catei muitos ferros e pouco papel. Quando eu estava perto da banca de jornal tropecei e caí. Devido eu estar muito suja, um homem gritou:
– É fome!
- 5 E me deram esmola. Mas eu caí porque estava com sono.
Pensei no Alexandre porque ele não precisa pensar no trabalho. Porque obriga a esposa a pedir esmola. Ele tem uma filha: a Dica. A menina tem 9 anos. Ela pede esmola de manhã e vai para a escola a tarde. A menina conhece as letras e os números. Mas não sabe formar palavras. Quando escreve ela põe qualquer letra que lhe vem na mente. Mistura numero com
- 10 letras. Escreve assim:
ACR85CZbO4UpMnO10E20.
E já faz dois anos que ela está na escola.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. São Paulo: Ática, 2017, p. 97-98 (Fragmento).

17ª QUESTÃO

Uma das funções contemporâneas dos estudos literários é a revisão do cânone, dando publicidade às vozes sociais que foram recalcadas pela tradição por razões que nem sempre corresponderam à da qualidade estética. É o caso de *Quarto de despejo*, romance em forma de diário em que a favela não é apresentada por um intelectual consagrado, mas pela própria favelada.

No Texto VII, a percepção aguda da narradora quanto à opressão vivida nas relações sociais estabelecidas na favela põe em destaque o(a)

- (A) fome.
- (B) infortúnio.
- (C) machismo.
- (D) desemprego.



18ª QUESTÃO

“Em resumo, que elementos distinguiriam essa literatura? Para além das discussões conceituais, alguns indicadores podem ser destacados: uma voz autoral afrodescendente, explícita ou não no discurso; temas afro-brasileiros; construções linguísticas marcadas por uma afro-brasilidade de tom, ritmo, sintaxe ou sentido; um projeto de transitividade discursiva, explícita ou não, com vistas ao universo recepcional; mas sobretudo, um *ponto de vista* ou *lugar de enunciação* política e culturalmente identificado à afrodescendência, como fim e começo.” (DUARTE, Eduardo de Assis. “Por um conceito de literatura afro-brasileira”. In: DUARTE, Eduardo de Assis; FONSECA, Maria Nazareth Soares (Org.). **Literatura e afrodescendência**: antologia crítica. Belo Horizonte: UFMG, 2011, p. 385.)

Segundo o conceito defendido por Duarte, assim como Carolina Maria de Jesus, também constitui exemplo legítimo de literatura afro-brasileira

- (A) a engajada poesia condoreira de Castro Alves, autor de “O navio negreiro”, considerado o poeta dos escravos.
- (B) o dissimulado lugar de enunciação de contos como “Pai contra mãe” e “O caso da vara”, de Machado de Assis.
- (C) o negrismo modernista no ponto de vista que conduz a perspectiva dos “Poemas negros”, de Jorge de Lima.
- (D) a ficção narrativa de cunho abolicionista de romances como *A escrava Isaura*, de Bernardo Guimarães.

TEXTO VIII

MEIA HORA DE NOTÍCIAS
O MAIS LIDO DO RIO
R\$ 1

QUE GRAÇA TEM A COPA SE MÓ JOGO DA VIDA A GENTE TÁ PERDENDO?

Então, a gente até queria fazer uma capa zoando a Argentina, sacaneando o mole do Peru e torcendo pra que o Neymar se preocupe mais com a bola do que com os cabelos, hoje. Mas num dia em que acontece uma coisa dessas no Rio, simplesmente...

NÃO DÁ

Bruna Silva, mãe de Marcos Vinícius, atinge durante confronto entre policiais e traficantes na Maré, cobre o caixão do filho com o uniforme manchado de sangue. O garoto tinha só 14 anos e estava indo para a escola quando uma bala o matou. Em Realengo, outro adolescente da mesma idade foi morto a tiros.

PÁGINAS 03 E 06

“Então, a gente até queria fazer uma capa zoando a Argentina, sacaneando o mole do Peru e torcendo pra que Neymar se preocupe mais com a bola do que com os cabelos, hoje. Mas num dia em que acontece uma coisa dessas no Rio, simplesmente...
NÃO DÁ”

Bruna Silva, mãe de Marcos Vinícius, atingido durante confronto entre policiais e traficantes na Maré, cobre o caixão do filho com o uniforme manchado de sangue. O garoto tinha só 14 anos e estava indo para a escola quando uma bala o matou. Em Realengo, outro adolescente da mesma idade foi morto a tiros.

Páginas 03 e 06.

Meia Hora, 22 jun. 2018.



TEXTO IX



Disponível em: <https://deskgram.org>. Acesso em: 10 jul. 2018.

19ª QUESTÃO

“Usamos a expressão *domínio discursivo* para designar uma esfera ou instância de produção discursiva ou de atividade humana. [...] Do ponto de vista dos domínios, falamos em discurso jurídico, discurso jornalístico, discurso religioso etc., já que as atividades jurídica, jornalística ou religiosa não abrangem um gênero em particular, mas dão origem a vários deles.” (MARCUSCHI, L. A. “Gêneros textuais: definição e funcionalidade”. In: DIONÍSIO, Ângela; MACHADO, Anna Rachel et al. **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003, p. 23.)

Apesar de os textos VIII e IX serem de gêneros diferentes, eles pertencem à mesma esfera discursiva: o domínio jornalístico. Além disso, ambos foram publicados na mesma época (final de junho de 2018) e retratam dois fatos concomitantes: a Copa do Mundo 2018 e a morte de um estudante atingido durante um confronto entre policiais e traficantes na favela da Maré, no Rio de Janeiro.

Ao comparar os textos, é correto afirmar que o Texto VIII

- (A) critica o alheamento das pessoas ante os acontecimentos políticos e sociais durante a Copa.
- (B) tenta chamar a atenção do público que está acompanhando a Copa para a tragédia ocorrida.
- (C) procura dar ambas as notícias de forma imparcial, sem se envolver emocionalmente com elas.
- (D) dá mais importância para o evento esportivo do que para a tragédia ocorrida, em tom de crítica.



20ª QUESTÃO

A charge (Texto IX) critica o fato de muitas pessoas terem dado mais importância para a Copa do Mundo do que para os problemas políticos e sociais ocorridos durante o mesmo período.

Na imagem, vários índices são responsáveis por acionar essa crítica na mente do leitor. Dentre estes, o mais significativo é o fato de

- (A) o menino estar ensanguentado, caído no chão, usando uniforme escolar.
- (B) o jogador estar aparecendo em várias telas de televisão ao mesmo tempo.
- (C) a mãe e o jogador estarem ajoelhados, na mesma posição, e com as mãos no rosto.
- (D) as pessoas estarem de costas para a mãe com o menino e de frente para a televisão.

21ª QUESTÃO

“A classificação de formas de preenchimento da categoria sujeito por critérios puramente sintáticos constitui-se em uma redução do fenômeno linguístico, [...] pois [...] se contemplam apenas aspectos da imanência linguística, silenciando outros situacionais, político-ideológicos, que indicam a posição do enunciador em relação às representações sociais que ele tem da realidade de que fala.” (ANTUNES, Irandé. “Particularidades sintático-semânticas da categoria de sujeito em gêneros textuais da comunicação pública formal”. In: MEURER, José Luiz; MOTTA-ROTH, Desirée (Org.). **Gêneros textuais e práticas discursivas: subsídios para o ensino da linguagem.** São Paulo: Edusc, 2002, p. 215-216.)

No Texto VIII, o texto ao lado da foto diz que “O garoto tinha só 14 anos e estava indo para a escola quando uma bala o matou. Em Realengo, outro adolescente da mesma idade foi morto a tiros”. A gramática tradicional classifica os sujeitos das duas orações destacadas como “determinados”, por estarem explícitos na frase, e “simples”, por conterem somente um núcleo.

No entanto, sabe-se que o lugar sintático do sujeito é um lugar de proeminência na estrutura sintagmática dos enunciados e pode transparecer escolhas feitas pelo enunciador.

Tomando por base a citação de Antunes (2002), uma análise mais aprofundada, que ultrapassa os critérios puramente sintáticos de classificação, revela que a escolha feita tem o objetivo de

- (A) destacar a notícia da capa, pois a primeira oração, que se refere a ela, está na voz ativa e a segunda, referente a outra notícia, encontra-se na voz passiva.
- (B) realçar o motivo da morte do menino na primeira oração, por meio do uso da voz ativa, e reforçar a idade dos meninos na segunda, por meio da escolha vocabular.
- (C) ocultar os reais agentes da ação, pois na primeira oração há um deslocamento de sentido por meio de um processo metonímico e na segunda há uso da voz passiva.
- (D) reforçar a idade dos garotos, pois na primeira oração faz-se um trocadilho com o vocábulo “bala” e, na segunda, há a reativação do referente “garoto” por meio do pronome “outro”.



TEXTO X

Aula de português

A linguagem
na ponta da língua
tão fácil de falar
e de entender.

A linguagem
na superfície estrelada de letras,
sabe lá o que ela quer dizer?

Professor Carlos Góis, ele é quem sabe,
e vai desmatando
o amazonas de minha ignorância.
Figuras de gramática, esquipáticas,
atropelam-me, aturdem-me, sequestram-me.

Já esqueci a língua em que comia,
em que pedia para ir lá fora,
em que levava e dava pontapé,
a língua, breve língua entrecortada
do namoro com a prima.

O português são dois; o outro, mistério.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Boitempo**: esquecer para lembrar. São Paulo: Companhia das Letras, 2017, p. 129.

22ª QUESTÃO

“Os processos de formação de palavras servem regularmente à produção de efeitos emotivo-afetivo, conativo-apelativo e poético, assim como participam dos meios de coesão textual.” (AZEREDO, José Carlos de. **Gramática Houaiss da língua portuguesa**. São Paulo: Publifolha, 2008, p. 470.)

No Texto X, Drummond se utiliza da função poética para conseguir, valendo-se das potencialidades linguísticas, certo efeito de sentido.

Acerca do processo de formação da palavra “esquipáticas”, é correto afirmar que se trata de

- (A) hibridismo.
- (B) parassíntese.
- (C) derivação sufixal.
- (D) amálgama lexical.



23ª QUESTÃO

“As figuras de linguagem podem atuar na área da semântica lexical, da construção gramatical, da associação cognitiva do pensamento ou da camada fônica da linguagem. Assim, temos o que tradicionalmente se denomina de figuras de palavras, figuras de construção (ou de sintaxe), de pensamento e figuras fônicas.” (AZEREDO, José Carlos de. **Gramática Houaiss da língua portuguesa**. São Paulo: Publifolha, 2010, p. 484.)

No Texto X, a linguagem literária se faz presente e ganha força expressiva também com a utilização de algumas figuras de linguagem.

Assinale a alternativa que apresenta a correta relação entre o(s) verso(s) destacado(s) e as figuras de linguagem correspondentes.

- (A) “A linguagem / na superfície estrelada de letras” (versos 5 e 6) – eufemismo, metáfora e sinestesia.
- (B) “e vai desmatando / o amazonas de minha ignorância” (versos 9 e 10) – aliteração, hipérbole e metáfora.
- (C) “Figuras de gramática, esquipáticas, / atropelam-me, aturdem-me, sequestram-me” (versos 11 e 12) – anáfora, assonância e prosopopeia.
- (D) “O português são dois; o outro, mistério” (verso 18) – oxímoro, zeugma e sinédoque.

TEXTO XI

A droga da obediência

O delírio do Doutor Q.I.

1 – Infelizmente – continuou Miguel –, o Doutor Q.I. escapou. Na certa vai passar um período na sombra, antes de atacar novamente. E ele vai atacar, estou certo disso. É uma ameaça perigosa. Jamais descansará enquanto não realizar sua ânsia de poder absoluto. Ninguém poderá dormir sossegado enquanto esse homem estiver à solta.

5 Miguel aguardou um instante. Seu discurso estava tomando um rumo inesperado, e todos os presentes estavam em suspense.

– Eu falei com o Doutor Q.I. somente através daquelas telas de comunicação que havia na *Pain Control*, mas falei. Não foi possível ver o seu rosto, porque ele estava sempre na sombra. Nem adiantaria tentar reconhecer a voz dele, porque o Doutor Q.I. usava uma espécie de filtro de som que lhe alterava a voz. Era quase como falar com uma máquina. Existe, porém, uma característica da personalidade de cada um que é impossível esconder com sombras, com filtros de som ou com qualquer outro artifício. Essa característica é o pensamento.

Aos poucos, um leve mal-estar foi tomando corpo e atingindo a todos naquela sala.

15 – E eu me lembro perfeitamente das palavras e da maneira de pensar do Doutor Q.I. Como se ele estivesse falando agora. E, se ele estivesse falando agora, provavelmente diria que eu estou olhando de um lado só da questão. Diria talvez que as coisas são relativas e que a verdade tem várias facetas.

Miguel voltou-se para o diretor do Elite, que ouvia atentamente.

20 – Lembra-se, professor Cardoso, quando tudo isto começou, não faz nem uma semana? Lembra-se da nossa conversa, quando o senhor dizia que era melhor manter o desaparecimento do Bronca em segredo para proteger a imagem do Elite? Lembra-se que discordamos a esse respeito?

– Lembro-me vagamente, Miguel.



- 25 – Vagamente! Então, na certa, não vai lembrar das palavras que usou naquele momento, não é?
– Das palavras? – sorriu o diretor. – É lógico que não!
– Pois eu me lembro. É uma questão de entender o raciocínio das pessoas, o modo de pensar das pessoas através do que elas dizem. O senhor me disse que eu era muito jovem, não é?
- 30 não é?
– Talvez tenha dito isso, sim.
– E que eu olhava as coisas de um lado só, não é? Que eu haveria de aprender que as coisas são relativas, não é? Que a verdade tem várias facetas, não é?
O professor Cardoso recuou, como se fosse empurrado pelas palavras de Miguel.
- 35 – O que é isso? Uma brincadeira?
– Não é uma brincadeira, professor Cardoso. Ou devo dizer Doutor Q.I.?
O homem estava branco como papel. Continuou recuando até encontrar a sua grande mesa de diretor.
[...]
– Isso é um abuso! – protestou o acusado. – Sou o diretor deste colégio e não admito ser desrespeitado dessa maneira! Eu dirijo um colégio democrático, um modelo de educação liberal que...
- 40 – Excelente disfarce, não é, Doutor Q.I.? – interrompeu Miguel. – Quem haveria de desconfiar que o respeitabilíssimo e ultraliberal diretor do Colégio Elite pudesse organizar a experiência mais ditatorial e demente que já existiu?
- 45 O rosto do homem passou do pálido ao rubro, e sua voz saiu carregada de ódio assassino:
– Maldito! Moleque maldito! Eu devia ter mandado matar você no primeiro minuto! Fui acreditar na sua inteligência e você destruiu tudo! Ignorante! Você destruiu tudo! Ignorante! Você destruiu a salvação da humanidade. Estúpido!

BANDEIRA, Pedro. **A droga da obediência**. São Paulo: Moderna, 2017, p. 177-180 (Fragmento).

24ª QUESTÃO

“Para que o convívio do leitor com a literatura resulte efetivo, nessa aventura espiritual que é a leitura, muitos são os fatores em jogo. Entre os mais importantes está a necessária adequação dos textos às diversas etapas do desenvolvimento infantil/juvenil.” (COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil**: teoria, análise e didática. São Paulo: Moderna, 2000, p. 32.)

A obra de Pedro Bandeira pode ser considerada um clássico entre os leitores infantojuvenis, não só pela liderança nas vendas, como também pelo sucesso entre os jovens leitores do Brasil.

A escolha dessa obra e os trabalhos desenvolvidos sobre ela, para alunos do ensino fundamental II, deverão levar em conta

- (A) a capacidade de maior reflexão e crítica do aluno acerca do que está posto e pressuposto na efabulação, exercitando a leitura que extrapole a mera fruição de prazer ou de emoção.
- (B) a atenção aos aspectos da estrutura narrativa linear, descartando a efabulação que prima pelo retrospecto, solicitada em leituras para discentes do ensino médio.
- (C) o caráter didático e imaginativo da narrativa, buscando se apoiar nas especificidades da efabulação e ignorando os rudimentos básicos da teoria literária.
- (D) a leitura da narrativa, privilegiando seus aspectos estruturais e decodificando, no livro, imagens e sentenças que apareçam ao longo da efabulação.



25ª QUESTÃO

“Pode-se dizer que, hoje, todas as tendências temáticas e estilísticas se impõem com igual força na produção literária para crianças, jovens e adultos. Passado e presente se fundem para gerar novas formas. No panorama literário geral coexistem, com igual interesse, diferentes *linhas* ou *tendências* de criação literária.” (COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil**: teoria, análise e didática. São Paulo: Moderna, 2000, p. 155)

Do livro de aventura às crônicas de nossos maiores escritores, são muitos os títulos de obras para os alunos do ensino fundamental II aos quais o professor tem acesso.

O Texto XI pode ser incluído nas

- (A) narrativas cujo eixo de efabulação é um mistério, um enigma ou um problema estranho a ser descoberto.
- (B) obras atentas à realidade social e cuja matéria literária é orientada ou filtrada por uma perspectiva político-econômico-social.
- (C) obras em que as fronteiras entre realidade e imaginário se diluem, fundindo-se as diferentes áreas para dar lugar a uma terceira realidade.
- (D) narrativas que se passam fora do nosso espaço/tempo conhecidos, ou seja, em que ocorrem fenômenos não explicáveis pelo conhecimento racional.



PROVA ESCRITA DE PORTUGUÊS
TERCEIRA PARTE – QUESTÕES DISCURSIVAS

1ª QUESTÃO

Valor total da questão: 25 pontos

TEXTO I

A armadilha da hegemonia da escrita

1 A mais importante linha divisória em Moçambique não é tanto a fronteira que separa analfabetos e alfabetizados, mas a fronteira entre a lógica da escrita e a lógica da oralidade. A absoluta maioria dos 20 milhões de moçambicanos vive e funciona num tipo de racionalidade que tem pouco a ver com o universo urbano.

5 Mas em Moçambique, como no resto do mundo, a lógica da escrita instalou-se com absoluta hegemonia. Nesses casos, pressupostos filosóficos do mundo rural correm o risco de ser excluídos e extintos. Algumas das ideias que venho defendendo nesta comunicação estão claramente presentes na epistemologia da ruralidade africana. A concepção relacional da identidade, inscrita no provérbio: “Eu sou os outros”; a ideia de que a felicidade se alcança não por domínio mas por harmonias; a ideia de um tempo circular; o sentimento de gerir o mundo em diálogo com os mortos: todos estes conceitos constam da rica cosmogonia rural africana.

15 É evidente que não se pode romantizar esse mundo não urbanizado. Ele necessita de enfrentar o confronto com a modernidade. O desafio seria alfabetizar sem que a riqueza da oralidade fosse eliminada. O desafio seria ensinar a escrita a conversar com a oralidade.

COUTO, Mia. “Quebrar armadilhas”. In: **E se Obama fosse africano?**: ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 101-103.

“A constituição do oral como objeto legítimo de ensino exige, portanto, antes de tudo, um esclarecimento das práticas orais de linguagem que serão exploradas na escola e uma caracterização das especificidades linguísticas e dos saberes práticos nelas implicados.” (SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. **Gêneros orais e escritos na escola**. 3. ed. São Paulo: Mercado de Letras, 2011, p. 140.)

Considerando a assertiva acima, proponha uma atividade direcionada para o ensino fundamental II que vise ao desenvolvimento da competência oral, apresentando os objetivos a serem atingidos. (Mínimo de 20 e máximo de 50 linhas.)



1

5

10

15

20

25

30



31

35

40

45

50



2ª QUESTÃO

Valor total da questão: 25 pontos

TEXTO II



Disponível em: <http://soumaisenem.com.br>. Acesso em: 11 jul. 2018.

TEXTO III

Brasil ainda tem 1 milhão de sem escola

Dados do IBGE revelam excluídos educacionais até em cidades grandes

1 São apenas cinco letras, mas rabiscá-las é um tremendo desafio. Com um caderno sobre as pernas, Mário, de 11 anos, quase desenha seu nome, a única palavra que sabe escrever, manuseando o lápis sem intimidade. O nome é fictício, a história, real. A deslumbrante paisagem que se vê da casa do menino, que só entrou para a escola há cerca

5 de um mês, revela um problema que ainda persiste mesmo nos estados mais ricos. O franzino Mário vive seu drama particular no Morro do Vidigal, em São Conrado, debruçado sobre os bairros de maior renda do Rio.

Os números do Censo do IBGE mostram que, apesar de o problema ser mais grave nas regiões Norte e Nordeste, nenhum estado conseguiu até hoje incluir todas as crianças de 6

10 a 14 anos na escola. Esta população de não estudantes representa 3% do total da faixa etária. Pode parecer um percentual pequeno, mas é grave quando se considera que é quase um milhão de crianças que ainda não têm garantido um de seus direitos mais básicos, previsto pela Constituição de 1988: estudar. Se a esse grupo forem incorporados as crianças

15 de 4 e 5 anos e os jovens de 15 a 17 (que passam a fazer parte da faixa etária de escolaridade obrigatória a partir de 2016), o número aumenta para 3,8 milhões, ou 8% do total.

O Globo, Educação, 30 jul. 2012. Disponível em: <https://oglobo.globo.com>. Acesso em 11 jul. 2018.



TEXTO IV

1 Tenho um amigo que não vai com Guimarães Rosa escritor: "Gosto de prosa pão pão, queijo queijo", diz ele. "Rosa é torcicoloso".

Respondo-lhe que também gosto de prosa pão pão, queijo queijo, mas Rosa, como Joyce, há que aceitar-se como exceções. [...] Rosa inventa palavras, deforma-as, desintegra-

5 as, recompõe-nas, faz alquimias, cirurgia plástica, sei lá o que seja [...] já fez hitlerocidade, monstro esplêndido.

BANDEIRA, Manuel. **Seleta em prosa e verso**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986, p. 16.

O conjunto de palavras do português – isto é, seu léxico – consiste na união de três grandes grupos de formas:

- as palavras herdadas do latim;
- as palavras provenientes de outras línguas antigas e modernas – os empréstimos linguísticos;
- as palavras formadas com os recursos morfológicos produtivos da língua em cada fase de sua existência.

AZEREDO, José Carlos de. **Gramática Houaiss da Língua Portuguesa**. 3.ed. São Paulo: Publifolha, 2010.

A formação do léxico é resultado de um longo processo, no qual muitas palavras antigas se perdem ou sobrevivem com novas funções e novos valores, ao mesmo tempo em que novas palavras vão sendo constantemente criadas. A criação vocabular que acrescenta uma novidade ao léxico é chamada de “neologismo”. Nos textos apresentados, há a presença de neologismos como “brasilha” (Texto II), “sem escola” (Texto III) e “torcicoloso” e “hitlerocidade” (Texto IV).

Com base nos exemplos citados e em outros que queira mencionar, discorra sobre o processo de criatividade e renovação lexical em língua portuguesa, explicando os principais mecanismos de formação de novos itens léxicos e abordando suas aplicações no ensino. (Mínimo de 20 e máximo de 50 linhas.)



1

5

10

15

20

25

30



31

35

40

45

50



3ª QUESTÃO

Valor total da questão: 25 pontos

TEXTO V



Disponível em: <http://tirasemquadrinhos.blogspot.com>. Acesso em: 4 jul. 2018.

TEXTO VI

- 1 [A literatura] é uma necessidade universal imperiosa, e [...] fruí-la é um direito das
pessoas de qualquer sociedade, desde o índio que canta as suas proezas de caça ou evoca
dançando a lua cheia, até o mais requintado erudito que procura captar com sábias redes os
sentidos flutuantes de um poema hermético. Em todos esses casos ocorre humanização e
5 enriquecimento, da personalidade e do grupo, por meio de conhecimento oriundo da
expressão submetida a uma ordem redentora da confusão.

Entendo aqui por *humanização* (já que tenho falado tanto nela) o processo que confirma
no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a
aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a
10 capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da
complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a
quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a
natureza, a sociedade, o semelhante. [...]

A literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena
15 de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do
mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e portanto nos humaniza. Negar a fruição da
literatura é mutilar a nossa humanidade.

CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. São Paulo: Duas Cidades, 1995, p. 180-186.

“É por possuir essa função maior de tornar o mundo compreensível transformando a sua materialidade em palavras de cores, odores, sabores e formas intensamente humanas que a literatura tem e precisa manter um lugar especial nas escolas. Todavia, para que a literatura cumpra o seu papel humanizador, precisamos mudar os rumos de sua escolarização [...] promovendo o letramento literário”. (COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011, p. 17.)



Estudos apontam que existe uma discrepância entre o que se entende por literatura nos diferentes níveis de ensino.

Discorra sobre a importância do ensino de literatura tanto no ensino fundamental II quanto no ensino médio, propondo detalhadamente uma atividade que ressalte o seu papel humanizador. (Mínimo de 20 e máximo de 50 linhas.)

1

5

10

15

20

25



26

30

35

40

45

50



4ª QUESTÃO

Valor total da questão: 25 pontos

Valor do item A: 12,5 pontos

Valor do item B: 12,5 pontos

TEXTO VII

- 1 Quando eu tinha os meus quinze anos e traduzia na classe de grego do Pedro II a *Ciropedia* fiquei encantado com esse nome de uma cidadezinha fundada por Ciro, o Antigo, nas montanhas do sul da Pérsia, para lá passar os verões. A minha imaginação de adolescente começou a trabalhar, e vi Pasárgada e vivi durante alguns anos em Pasárgada.
- 5 Mais de vinte anos depois, num momento de profundo *cafard*¹ e desânimo, saltou-me do subconsciente este grito de evasão: “Vou-me embora pra Pasárgada”.

BANDEIRA, Manuel. **Itinerário de Pasárgada**. São Paulo: Global, 2012, p. 23.

¹ **cafard** – Da expressão francesa *j'ai le cafard* (“estou deprimido”, “estou triste”).

TEXTO VIII

- 1 Na “Evocação do Recife” as duas formas “Capiberibe – Capibaribe” têm dois motivos. O primeiro foi um episódio que se passou comigo na classe de geografia do Colégio Pedro II. Era nosso professor o próprio diretor do colégio – José Veríssimo. Ótimo professor, diga-se de passagem, pois sempre nos ensinava em cima do mapa e de vara em punho. Certo dia
- 5 perguntou à classe: “Qual é o maior rio de Pernambuco?”. Não quis eu que ninguém se me antecipasse na resposta e gritei imediatamente do fundo da sala: “Capibaribel!”. Capibaribe com a, como sempre tinha ouvido dizer no Recife. Fiquei perplexo quando Veríssimo comentou, para grande divertimento da turma: “Bem se vê que o senhor é um pernambucano!” (pronunciou “pernambucano” abrindo bem o e) e corrigiu: “Capiberibe”.

BANDEIRA, Manuel. **Itinerário de Pasárgada**. São Paulo: Global, 2012, p. 65.

Os textos anteriores foram extraídos do livro *Itinerário de Pasárgada*, no qual Manuel Bandeira elucida e comenta a gênese de seus principais poemas. Nesses fragmentos, percebem-se certas aproximações entre a obra do autor modernista e preceitos em voga durante o Romantismo. Essas aproximações, na verdade, evidenciam uma tendência mais abrangente de contatos entre os dois estilos de época, que, na história da literatura brasileira, são os movimentos que marcaram mais profundamente o processo de formação de nossa identidade artística, em seu caráter nacional.

Com base em seus conhecimentos sobre os projetos estéticos do Romantismo e do Modernismo, estabeleça uma comparação, explicitando semelhanças e diferenças entre os dois estilos citados, tanto no nível da enunciação, quanto no do enunciado dos textos poéticos produzidos, no que diz respeito aos seguintes aspectos:

- (A) concepção sobre criação poética;
 - (B) construção da identidade nacional literária.
- (Mínimo de 20 e máximo de 50 linhas.)



1

5

10

15

20

25

30



31

35

40

45

50
